



EDITORIAL

FISSURAS, ENCONTROS E RUPTURAS: UMA ONTOLOGIA PULSANTE DO GÊNERO

Tiago Rodrigues Moreira¹

Fernanda de Faria Viana Nogueira²

Propor ontologias pulsantes de gênero tem se tornado cada vez mais latente no âmbito acadêmico, seguindo um movimento de esforço de desvelar as interseccionalidades vividas no cotidiano. Partindo desse deslocamento, os os saberes e as experiências situadas se tornam cada vez mais proponentes de diálogos e aberturas, promovendo, então, uma postura interdisciplinar das questões que englobam a temática de gênero e sexualidade. (CRENSHAW, 1991; BUTLER, 2003; HARAWAY, 2009; BEAUVOIR, 2019).

Entendendo que os debates que atravessam os estudos de gênero e suas reflexões não estão restritos a determinadas áreas, mas se presentificam na vida, os textos aqui apresentados constituem um espaço de construção interdisciplinar, fazendo o movimento de aproximação com as mais diversas áreas do conhecimento. É essa abertura de pensamento que torna possível a inserção na clivagem de encontro com outros tipos de existência.

A partir deste movimento, recebemos trabalhos engajados e comprometidos em realizar o diálogo com as experiências e travessias que se perfazem na vida, encontrando

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: t229845@dac.unicamp.br

² Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: f262924@dac.unicamp.br



as fissuras da existência como possibilidade de encontro com o que desejamos construir.

No esforço da postura interdisciplinar e fenomenológica, circunscrevendo os lugares e os modos de habitar na contemporaneidade, contamos com dois textos que propõem ao leitor um desejo de investigação para com o texto lido. Mayara SEBINELLY e Tiago Rodrigues MOREIRA em “Enlутamento público e vidas vivíveis: o Arouche enquanto casa, habitar e lugar”, salientam a importância de viver uma vida vivível e como os modos de habitar o Arouche (São Paulo) se manifestam a partir das experiências de vivências no lugar. A preocupação dos autores se coloca na fissura do quem pode habitar os lugares, e qual vida é passível de ser vivida, muito subsidiada pelo pensamento de Judith Butler. Já o texto de Fernanda de Faria Viana NOGUEIRA, Felipe Costa AGUIAR e Antonio BERNARDES, “De quem são os lugares na cidade? Trajetórias gays em Campos dos Goytacazes”, esboça uma configuração de narrativas para a constituição dos lugares na cidade. Dando ênfase à sexualidade-em-situação como possibilidade de deslindamento da existência situada.

Na interface da literatura, artes, autobiografias, fabulações e autoficções contamos com seis textos, sendo dois ensaios, três artigos e uma experimentação artística, todos comprometidos com o caráter de uma escrita engajada e situada.

Tais Alves TEIXEIRA, em “A mulher lésbica e o habitar em risco na ficção pós pandemia de ‘A extinção das abelhas’”, preocupada com as mudanças climáticas e com o avanço do antropoceno, tece considerações sobre catástrofes ambientais, das quais estão intimamente ligadas à extinção das abelhas a partir da leitura de Natalia Polezzo, contruindo para um rearranjo do habitar em risco de mulheres lésbicas. Lux Ferreira LIMA, em “O caminho depois do depois: desorientações da cisgeneridade em duas autobiografias estadunidenses”, pauta o estranhamento das expectativas cisnormativas de transição de gênero e da temporalidade da existência trans, promovendo um diálogo a partir da etnografia para circunscrever os modos distintos de como o lugar de chegada é atribuído pelo, até então, regime cisnormativo contemporâneo e como os papéis sociais de gênero são lidos pelas autobiografias.

Beatriz Santos de SOUZA, em “(Geo) Experiências femininas na literatura”, salienta a importância do protagonismo das mulheres na escrita de mulheres. Por meio da narrativa, a autora convida o leitor a ir de encontro a novos modos de experienciar a



literatura feminina por meio da (geo)experiência. Kamila CARINO, em “Um estudo de gênero sobre a tetralogia napolitana”, propõe um encontro entre a teoria de gênero e a literatura feminina, fazendo uma relação entre a vida das personagens e as mazelas do dia a dia, desde a relação com o trabalho até com a dominação masculina e do cuidado. Laura Arruda de OLIVEIRA, em “‘Levar a vida normal como todo mundo’: a dívida entre filhas e mães”, discute a importância do respeito e do cuidado para com a relação familiar entre filhas e responsáveis. Considerando o feixe de significações que tal prerrogativa tende a assumir, o texto propõe um discurso que promova dor e sofrimento a filha deve ser repensado e encarado como possibilidade de encaminhamento, partindo da crítica literária da obra “Sobre minha filha”.

Por fim, Marta Zapata CHAVÁRRIA, em “Meu corpo, meu território”, reverbera uma peça teatral que fez em uma atividade do curso de pós-graduação, na qual cada situação da peça objetiva promover a reflexão acerca dos formalismos acadêmicos, fazendo com que a arte seja repensada e trazida à tona como ponto de resistência e embate ao colonialismo.

No campo das epistemologias e novas intersecções, tivemos o prazer de receber seis textos, sendo cinco artigos, um ensaio e uma nota. Tais textos refletem a fricção entre os campos disciplinares e interdisciplinares que constituem as produções intelectuais de outros autores. Visando contribuir para uma leitura integrada e situada, contamos com o texto de Cintia LISBOA, “Feminismos múltiplos: um vir-a-ser de possibilidades”, que apresenta as pluralidades da dimensão do feminismo, levando em consideração que o processo de rupturas e reconhecimento são de grande importância para o movimento das possibilidades. Desse modo, o texto almeja dar visibilidade e reconhecimento ao lugar de fala para todas as pessoas marginalizadas.

Frederico Rodrigues GONZAGA, Tatiana Benevides Magalhães BRAGA e Marciana Gonçalves FARINHA, em “Masculinidades: narrativas em vídeos de alta visualização na plataforma *youtube*”, mostram que, por intermédio das visualizações de vídeos na plataforma do *youtube*, pôde-se constatar que o impacto social advindo dos discursos sobre a masculinidade pelas vias do digital se torna latente nos papéis de construções sociais e, por assim dizer, torna-se um campo de pesquisa relevante. Larissa UCELI apresenta o artigo “Direitos sexuais e reprodutivos: entre o controle e a liberdade”, retratando o desafio da autonomia feminina frente aos direitos reprodutivos e constituição



da liberdade da mulher. Se perguntando “como, nós mulheres, poderemos ser livres?”. Francisco Anderson de CASTRO e Palloma Paléria Macedo de MIRANDA, em “A mulher negra no brasil: estética como agravadora do racismo e sexismo a partir da concepção de Lélia Gonzalez”, argumentam os desafios enfrentados pelas pessoas negras, em especial, as mulheres no Brasil. A partir do racismo estrutural e da democracia racial existente, os autores tecem críticas ao modelo de sociedade que pratica o epistemicídio da literatura e política negra do Brasil.

Janiel Ferraz SOUZA, em “A materialização dos corpos na concepção de Judith Butler: o paradigma da globalização”, deslinda a importância do corpo na constituição do paradigma da globalização, e como os valores que são construídos no cotidiano vão se metamorfoseando em corpos já globalmente conhecidos. Por fim, Eduardo MARANDOLA JR., em “Fenomenologia Crítica e Feminista”, problematiza as contribuições do pensamento feminista para a Fenomenologia, a partir de contribuições recentes de filósofas feministas, contribuindo para o alargamento das fronteiras entre as áreas e suas possibilidades. Este dossiê compõem um solo fértil nas discussões de gênero e sexualidade para os campos da interdisciplinaridade.

Neste mesmo número contamos também com a seção **Ensino de Filosofia**, que conta com três preciosas contribuições para o debate cada vez mais atual sobre sua relevância nas escolas. Tal seção indica, mais uma vez, o compromisso do PET FILOSOFIA UFPI e também deste periódico com o debate urgente e contínuo do ensino de filosofia no Brasil.

Agradecemos aos Cadernos PET de Filosofia da UFPI por nos abrir as portas para o diálogo e a interação entre os saberes, indo além de sua tarefa estritamente filosófica.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, K. “Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color”. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, 1991.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v.5. 2009.



BEAUVOIR, S. de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 5, ed. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Tiago Rodrigues Moreira
Fernanda de Faria Viana Nogueira
organizadores